



## Mundo mágico dos contos de fadas: vozes das crianças

### *Magic world of fairy tales: voices of children*

Josiane Peres Gonçalves<sup>1</sup>  
Ivonete Marques de Souza Nunes<sup>2</sup>

#### Resumo

O presente estudo tem por finalidade analisar a influência dos contos de fadas no processo de compreensão de situações vivenciadas pelas crianças no cotidiano, estabelecendo relações com o imaginário infantil e com questões de gênero. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida com 20 crianças, sendo um grupo do jardim III e outro do 4º ano do ensino fundamental, em que foram narrados os contos João e Maria e Chapeuzinho Vermelho. Em seguida, foram feitos questionamentos para analisar a opinião das crianças, sendo todo o processo registrado através de filmagem. Os resultados indicam que, mediante os contos, o imaginário das crianças é estimulado e elas estabelecem relações da história com a sua própria vida, externalizando seu pensamento sobre questões conflituosas, como medo, perdas, morte, entre outras. Também reproduzem padrões culturais relativos a gênero, como se o masculino fosse o mais forte e inteligente, e o feminino o mais frágil, dependente.

**Palavras-chave:** Contos de Fadas; Imaginário infantil; Gênero.

#### Abstract

*The present study aims to analyze the influence of fairy tales in the process of understanding situations experienced by children in daily life, establishing relationships with child's imaginary and gender issues. The qualitative research was conducted with 20 children, a group in the kindergarten and the other in the 4th grade of Elementary School, in which Hansel and Gretel and Little Red Riding Hood tales were narrated. Then questions were designed to examine children's views. The whole process has been recorded. The results indicate that by the reading the tales, children's imaginary is encouraged and they establish relations with the history of their own lives, externalizing their thinking about contentious issues such as fear, loss, death, etc. It also reproduces cultural patterns related to gender, as if the male was the strongest, the most intelligent and feminine fragile, dependent.*

**Keywords:** Fairy tales; Child's imagination; Genre.

#### Introdução

Muito se fala de incentivar as crianças a adquirir o gosto pela leitura e, para isso, são disponibilizados diversos tipos de livros de literatura infantil. Quem está em contato com crianças percebe que, apesar de elas se interessarem por praticamente todas as histórias, há uma predominância de interesse em relação aos contos de fadas, principalmente quando se trata de crianças menores. E por que isso acontece? O que leva uma criança a gostar dos contos de fadas?

Entre outras possibilidades, pode-se dizer, inicialmente, que os contos ajudam no processo formativo e que toda criança tem oportunidade de brincar com seu mundo imaginário, visto que ela possui seu universo próprio, tomado de sonhos e de fantasias. Além disso, os contos abordam situações da vida cotidiana dos personagens que, muitas vezes, contribuem para que a criança entenda os seus próprios conflitos, inclusive as questões relativas aos gêneros feminino e masculino.

Mesmo com as evidências existentes para esse entendimento, nem todas as pessoas que trabalham com crianças percebem essa interferência dos contos de fadas. Sendo assim, o objetivo do presente estudo é analisar a influência dos contos de fadas no processo de compreensão de algumas situações vivenciadas pelas crianças no cotidiano, estabelecendo relações com o imaginário infantil e com questões de gênero.

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (CPAN/UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAED/UFMS). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). Contato: josianeperes7@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora da Rede Municipal de Ensino de Naviraí – MS.

Para atender ao objetivo proposto, tomou-se, então, a decisão de realizar, como aqui relatado, uma pesquisa bibliográfica, norteada especialmente por Bettelheim (1992), Sales (2011) e Scott (1998). Também foi realizada uma pesquisa de campo, com 10 crianças de jardim III e 10 crianças da 4ª série do ensino fundamental, sendo que cada um desses grupos foi formado com cinco meninas e com cinco meninos, equitativamente.

Esta pesquisa foi desenvolvida em duas etapas (bibliográfica e de campo), e os resultados são apresentados na sequência, iniciando-se pela revisão da literatura.

## Breve histórico e relevância dos contos de fadas

Os contos de fadas são muito antigos e perpassaram os períodos históricos até chegar aos dias atuais, em que as crianças também costumam se encantar com essas narrativas da literatura infantil, conforme se sabe de relatos de autores de todos os lugares e de todas as épocas. Quanto ao surgimento, Coelho (2010) destaca que os primeiros registros dos contos de fadas aparecem na Índia, na Palestina e na Grécia, sem, no entanto, serem muito difundidas. Depois, durante os muitos séculos do decurso do Império Romano, no contato com os muitos povos circundantes conquistados, os romanos foram os principais divulgadores dessas histórias do Oriente para o Ocidente. Segundo Bettelheim (1992, p. 14):

A maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida; assim, eles lidam diretamente, ou por inferência, com temas religiosos. No século XIV é que surge na Europa [...] a primeira coleção de contos com motivos do folclore europeu denominado “Gesta Roma noum”, de origem persa, escrito em latim, precedendo a famosa coleção “As mil e Uma Noites” do folclore árabe. Esses contos desenvolveram-se a partir dos mitos ou foram a eles incorporados, passando a experiência acumulada de uma sociedade de transmiti-las a novas gerações.

Para Sales (2011), historicamente, o conto atuava como transmissão de ensinamento de valores éticos ou de concepções de mundo, formando cultura, sendo uma tradição fortalecida na memória de pai para filho. Assim, o conto é uma forma muito antiga de narração, de contar e ouvir histórias, mas também utilizada com propósito educativo.

De acordo com Bettelheim (1992, p. 34), os contos são:

[...] uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. Um mito, como uma história de fadas, pode expressar um conflito interno de forma simbólica e sugerir como pode ser resolvido, mas esta não é necessariamente a preocupação central do mito. Ele apresenta seu tema de forma majestosa; transmite uma força espiritual; e o divino está presente e vivenciado na forma de heróis sobre humanos que fazem solicitações constantes aos simples mortais.

Por meio das palavras do autor Bettelheim (1992) é possível perceber que os contos transmitem fatos que despertam conflitos interiores de forma simbólica e ainda podem indicar alternativas para que esses conflitos existenciais sejam resolvidos. Dessa forma, os contos de fadas estimulam as crianças a usar a imaginação para que possam encontrar as possibilidades de resolução dos problemas, tendo em vista um “final feliz”. Outro fato importante nos contos de fadas refere-se à presença do herói, que contribui para a conquista desse tipo de final, isto é, repleto de felicidade para os personagens da história. Nesse sentido, Coelho (2010, p. 164–168) enfatiza que:

Nos contos dos Irmãos Grimm (e nos contos maravilhosos em geral) a violência e o mal passam quase despercebidos do leitor porque, além de serem penetrados de magia que domina espaço todo, acabam totalmente vencidos em um “final feliz”, que os “neutraliza” (tal como acontece hoje nas estórias dos “super-homens” de toda espécie).

Essa referência de Coelho (2010) aos Irmãos Grimm remete aos tempos iniciais do chamado romantismo nas artes européias, em fins do século XVIII, e o relato transcrito revela que, apesar de existir violência nos contos de fadas, ela não é tão evidenciada devido à solução dramática ao que ocorre no final das narrativas. Para as crianças, são mais interessantes os finais felizes do que as derrotas apresentadas pelos contos e, embora existindo problemas, em geral, eles não são compreendidos como ruins, devido à certeza de que, no final, tudo vai acabar bem. A vida humana também é assim, pois existem momentos de sofrimento e de felicidade, e todos são transitórios, por tratar-se de um dinamismo característico do processo evolutivo. A diferença é que os contos de fadas transmitem a mensagem de que “foram felizes para sempre”, levando a criança a acreditar que seus problemas serão resolvidos e que, após superá-los, ela também será feliz eternamente.

Através dos séculos (quando não dos milênios) durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram-se tornando cada vez mais refinados e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos - passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado (BETTELHIM, 1992, p. 6).

O autor comenta sobre a transformação dos contos ao longo dos séculos, deixando-os ainda mais enriquecidos, para que todos possam se contagiar de maneira agradável ao ler e reler um conto diversas vezes. Esses textos oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades presentes.

Bettelheim (1992) destaca que os personagens e os acontecimentos presentes nos contos de fadas demonstram conflitos internos, indicando sua resolução e novos passos em busca de uma humanidade mais elevada. A formação da história se dá através do surgimento do problema que vai tirar a paz inicial e da presença do herói, ou da heroína, que vai contribuir para que aquela situação indesejada seja resolvida. A restauração ocorre com o processo da descoberta do novo e das potencialidades, e o desfecho culmina com o retorno à realidade, com a união dos opostos, iniciando o processo de crescimento e desenvolvimento. Todo esse simbolismo pode ajudar a criança a compreender o momento difícil que está vivendo, ou algumas situações complicadas que são vivenciadas ao longo da vida.

Na realidade, a vida é demasiado cruel para uma criança que pode estar atravessando momentos difíceis de perdas, entes queridos, novos relacionamentos, estrada de elementos estranhos em uma relação estável e com isso separação, divórcio. São momentos dolorosos, como demonstra, no conto de Cinderela, o falecimento de seu pai, a crueldade de sua madrasta e suas filhas ao encarar uma nova realidade tão severa, mas por seus doces méritos conseguir vencer a crueldade. Fugir para a magia dos contos de fadas e se refugiar neles significa renascer a esperança e viver através de convicções e certezas que sustentam e dão força à criança (SALES, 2011, p. 6).

Tomando como base as ideias dos autores Sales (2011) e Bettelheim (1992), é possível afirmar que as crianças costumam se identificar com os contos de fadas por abordarem os problemas dos personagens e, ao final, tudo ser superado. É importante também destacar que, em geral, a literatura infantil não costuma apresentar, em suas histórias, situações que possam causar sofrimento para as crianças, talvez como forma de preservá-las. Na vida real, porém, todas as crianças, cada uma à sua maneira, vivenciam situações difíceis e, dessa forma, elas percebem que os contos apresentam problemas e soluções:

A criança sente qual dos contos de fadas é verdadeiro para sua situação interna no momento (com a qual é incapaz de lidar por conta própria) e também sente onde a história lhe fornece uma forma de poder enfrentar um problema difícil. Mas, com frequência, este reconhecimento é imediato, adquirido a partir da audição do conto de fadas pela primeira vez. Para tal, alguns elementos do conto são bem estranhos - como devem ser para falar às emoções profundamente escondidas (BETTELHEIM, 1992, p. 61).

Nota-se que as crianças, através dos contos de fadas, identificam-se com os personagens da história de forma que passam a compreender seus conflitos, sua realidade, passando a ter comportamentos que as fazem buscar superar seus medos. Sendo assim, a fantasia ajuda a compreender muitas coisas, principalmente quando se trata de perda de um ente querido ou quando alguém vai embora. Para Sales (2011, p. 7):

No decorrer de sua vida, a criança vive fases de instabilidade que formam e levam a processos de separação-individualização. Isto é possível quando a criança aumenta seu repertório de conhecimentos sobre o mundo e transfere para os personagens seus principais dramas.

A criança busca compreensão nos contos para entender o que está ao seu redor e, tentando resolver seus anseios, identifica-se com seus personagens e esclarece as próprias dificuldades, buscando encontrar caminhos para solucioná-las. Os contos mostram fatos que, muitas vezes, as crianças estão vivenciando, pois abordam morte, separação, pobreza, riqueza, etc; e situações positivas também, como: justiça, união, vitória do bem, partilha, etc.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas esclarece sobre si mesmo, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 1992, p. 20).

De acordo com o autor, os contos de fadas são vistos como enriquecedores, porque, em suas leituras, as crianças encontram significados mais importantes do que com qualquer outro tipo de história compreensível. Nessa perspectiva, é possível entender que a criança, ao entrar em contato com o mundo dos contos de fadas, encontra com mais facilidade o espaço pessoal para que sua identidade possa ser melhorada e estimulada.

Os contos de fadas abrem a possibilidade de a criança perceber que a madrasta a (bruxa) que tem em casa é melhor que a bruxa (madrasta do conto que lê e essa sensação fortalecem seus sentimentos, dando-lhe valores que a sustentam. A satisfação fantasiada fornece combustível para a esperança de dias melhores, mesmo que essas esperanças sejam limitadas e provisórias elas dão mecanismo compensatórios importantes para paz familiar (BETTELHEIN, 1992, p. 161).

Baseando-se no relato do autor acima referido, é possível afirmar que a criança faz comparação de seu mundo real com o não real e passa a entender seus conflitos de forma agradável, sem ter que emartirizar seus pensamentos da forma como o adulto impõe, querendo que a criança aceite suas realizações pessoais e não a preparando para aceitar mudanças na família, como a madrasta que chega impondo afeto sem nunca ter conhecido a criança.

Para Sales (2011, p. 9):

A criança entende que a história de contos de fadas garante a ela que um dia poderá construir seu reino, sua própria vida onde irá necessitar de toda força de sua personalidade, um momento em que seus conflitos estarão se resolvendo. Este é um processo físico e psicológico que se estende de uma maneira desigual por um período longo e indeterminado de tempo.

É possível perceber, através do relato de Sales (2001), que a possibilidade de “construir seu reino” é uma maneira espontânea que a criança tem de pensar no melhor para o seu futuro, na certeza de que os problemas vivenciados serão passageiros. Ao longo do tempo, ela vai construindo e modificando seu comportamento, o que a leva a mudar algumas situações de conflito que tanto incomodaram em sua infância.

## **O imaginário da criança e os contos de fadas**

Toda criança tem seu mundo mágico no interior, em seus pensamentos, mundo que a leva a ter contato com objetos como se tivessem vida. Uma das formas que ela encontra através do imaginário é o prazer de criar ou de realizar algo. Sendo assim, os contos contribuem com essa ação de fazer coisas por meio das histórias, por isso as crianças não cansam de ler e de reler os mesmos contos, vivenciado aventuras com os personagens em lugares encantados, cheios de sonhos e de imaginação.

Para a criança não existe uma linha clara separando os objetos das coisas vivas; e o que quer que tenha vida tem vida muito parecida com a nossa. Se não entendemos o que as rochas, árvores e animais têm a nos dizer, a razão é que não estamos suficientemente afinadas com eles. Para a criança que tenta entender o mundo parece razoável esperar respostas daqueles objetos que despertam sua curiosidade. E como a criança é egocêntrica, espera que o animal fale sobre as coisas que são realmente significativas para ela, como fazem os animais nos contos de fadas, e da maneira como a própria criança fala com seus pertences ou animais de brinquedo. Uma criança está convencida de que o animal entende e sente como ela, mesmo que não o mostre abertamente (BETTELHEIM, 1992, p. 48).

Para o autor, deixar fluir o imaginário é levar a criança a estudar seus pensamentos, fazendo comparações dos conflitos dos contos com os da vida real, na certeza de encontrar soluções aos problemas que são defrontados, os quais são problemas por que todos passam na vida, de um jeito ou de outro. Sendo assim, podem ser considerados enriquecedores na vida das crianças, em especial pelo fato de conduzirem o imaginário delas de uma forma positiva, fazendo com que não levem em conta obstáculos, por terem sido induzidas a entender que sempre haverá uma saída. Em relação ao imaginário da criança, Postic (1993, p. 19) afirma que:

Imaginar não é só pensar, não significa apenas relacionar fatos, analisar situações, tirando-lhe significados. Imaginar é penetrar, explorar fatos dos quais se retira uma visão. Esta só poderá ser comunicada ao outro através de símbolos, que provocam harmônicos e estabelecem a comunhão. O símbolo age como mediador para revelar ocultando, ocultar revelando, e ao mesmo tempo incitar à participação que, embora com impedimentos e obstáculos, fica favorecida.

Segundo o autor, imaginar é buscar no inconsciente tudo o que é satisfatório, tanto na parte positiva quanto na negativa. Os contos usam de seus símbolos para revelar o que está oculto, pois nem sempre temos outros argumentos para falar com as crianças sobre seus comportamentos e o que está em seu cotidiano.

Na imaginação, seus danos potenciais - para nós mesmos e para os outros - ficam muito reduzidos. Algumas de suas formas podem então se colocar a serviço de propósitos positivos. Todavia, a crença prevalecente nos pais é que a criança deve ser distraída do que mais a perturba; suas ansiedades amorfas e inomináveis, suas fantasias caóticas, raivosas e mesmo violentas. Muitos pais acreditam que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas à criança que ela só deveria se expor ao lado agradável das coisas. Mas esta visão unilateral nutre a mente apenas de modo unilateral, e a vida real não é só agradável (BETTELHEIM, 1992, p. 9).

Para o referido autor, durante os primeiros anos de vida da criança são construídas e desenvolvidas maneiras particulares de ser e esquemas de relação com o mundo e com as pessoas. Os pais costumam proteger seus filhos, mantendo-os afastados

das situações de sofrimentos, tentando proporcionar somente momentos agradáveis. Os contos de fadas, no entanto, mostram a realidade de forma natural: existem personagens femininos e masculinos, pessoas boas ou más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc., evidenciando que a vida real não tem somente aspectos positivos ou negativos.

Quanto à importância dos contos de fadas para o processo de imaginação da criança, Bettelheim (1992, p. 16) destaca:

É aqui que os contos têm um valor inigualável, conquanto ofereçam novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar a melhor direção à sua vida.

Nessa perspectiva, a criança usa seu imaginário para entender o seu interior, e os contos de fadas tornam-se aliados importantes para o desenvolvimento da criança, ou seja, aliados que se fazem necessários na infância. Contribuem para que a criança possa melhor compreender o que acontece em sua volta, de forma prazerosa, sem cobranças que a intimidem a ficar calada e cheia de dúvidas. Através dos contos, em seu imaginário, a criança percebe que há diferença entre os personagens, inclusive nas relações de gênero, o que inclui o universo feminino e masculino, conforme abordado na sequência.

### Considerações sobre gênero e contos de fadas

Alguns autores têm se dedicado aos estudos de gênero e, entre eles, destaca-se Scott (1998), que utiliza o conceito de gênero como sendo um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. Trata-se de uma construção social e histórica e, nesse sentido, a autora destaca:

Gênero e a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderá derivar; ela é, antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisado nos seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998, p. 15).

Para a autora, a criança não nasce com tais diferenças de oposição de sexo. É durante a sua infância, ao longo do tempo, que ela constrói seu comportamento social de acordo com quem está ao seu redor, através da educação e da cultura no meio em que vive. Outros autores também corroboram essa ideia, como é o caso de Matos (1994, p. 97), que afirma:

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que os perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro. Esses perfis se constituem social, cultural, e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseados nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder.

É possível perceber, através do relato do autor, que os perfis de comportamento humano são muito relativos, pois cada perfil depende muito da cultura, ainda que as relações de gênero sejam elementos construtivos da formação do caráter e da personalidade. O autor mostra que são relações baseadas nas diferenças entre homem e mulher, um em função do outro.

Desse modo, a constituição do feminino ou masculino parte da identificação cultural e histórica com o que a sociedade tem construído como representação de homem e de mulher, portanto, para uma melhor compreensão acerca das relações de gênero e sua constituição enquanto identidade, conforme Woodward (2000).

Ao desenvolvimento das crianças, conforme o desejável para um homem ou para uma mulher. Segundo o autor, refletir sobre as questões de gêneros vai além dos comportamentos humanos básicos, pois se percebe que algumas crianças levam para a sua formação, e até para a vida adulta, conceitos e preconceitos típicos de cultura ou educação específica, por isso, por exemplo, acreditam que “homem é mais forte” e que “quem chora é mulher”. Tais crenças não se confirmam nos grandes, básicos e naturais comportamentos humanos. Ao refletir sobre gênero feminino e masculino, Oliveira (1998), citado por Gonçalves (2009), comenta sobre os diferentes papéis desempenhados culturalmente por homens e mulheres. Afirma que eles se manifestam através das expectativas sobre o comportamento masculino e feminino, e vão se configurando, durante o desenvolvimento das crianças, conforme o desejável para um homem ou para uma mulher.

Nos contos de fadas essas questões de expectativas específicas sobre o gênero feminino e masculino também aparecem e estão presentes na maioria das narrativas. É muito comum haver situações relativas ao fato de ser mais ou menos inteligente; de ser forte e fraco; de ser bom e malvado; sendo que, na maioria das vezes, o masculino é que tem maiores vantagens. Por exemplo, na história de João e Maria, a malvada é a madrasta, que é vista como bruxa; quando as crianças estão perdidas na floresta, é a menina que chora e tem medo; e, ao chegar à casa da bruxa, quem limpa a casa é a Maria, e não o João. Outro exemplo está na história Chapeuzinho Vermelho, em que a menina é frágil, a vovó é totalmente indefesa e o caçador, representante do gênero masculino, é o herói.



As representantes do gênero feminino nos contos de fadas acabam transmitindo a ideia de que a mulher, quando comparada ao homem, é menos corajosa, mais dependente e mais sensível, sendo tais proposições internalizadas pelas pessoas como se fossem naturais. Assim, ao ouvir as histórias infantis, as crianças vão construindo noções sobre os gêneros feminino e masculino, e passando a agir de acordo com esses valores ou princípios.

Vale ressaltar que não são apenas os contos de fadas que contribuem para que a criança construa as noções relativas à identidade de gênero, visto que as práticas da cultura, especialmente as ações da família, os ensinamentos e as atitudes ali cultivados, interferem nesse processo de aprendizagem.

Os estereótipos provêm dos pais e das pessoas que cercam a criança. Os pais constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas escolhas. No nascimento, o quarto das meninas é rosa, com bonecas, e o dos meninos é azul, com carros em miniatura. As meninas costumam brincar de “casinha” e representam o papel da mãe; os meninos, de “motorista”, que dirige o carro. É o contexto em que a criança vive especialmente o meio familiar, que dirige inicialmente tais escolhas. (BROUGÈRE, 1995, p. 86).

De acordo com autor, no começo da infância, a criança já tem uma referência de que a cor rosa é para mulher e limpar a casa também. Já o homem é o motorista e a cor que o representa é o azul. Na vida real, o homem é considerado aquele que é o mais forte e a mulher, mais frágil. Nesse sentido, os contos também têm essa característica de diferenciar os gêneros, configurando a mulher ou o homem sempre em condições de oposição um ao outro. Quando a criança lê contos de fadas, ela percebe essa diferença de gênero e, através da sua imaginação, tem condições de ir definindo o que é melhor para ambos; procurando, ao final de cada história, terminar do jeito que ela considera ser o melhor desfecho.

## Procedimentos metodológicos

O presente trabalho foi realizado mediante uma pesquisa de natureza qualitativa, pois a partir dela é organizado, primeiro, o material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos. Depois, o estudo de campo procura muito mais o aprofundamento das questões propostas. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresentava maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos fossem reformulados ao longo da pesquisa. Para Godoy (1995, p. 58), “[...] a pesquisa considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave, possuindo um caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou produto”.

Assim, considerando que o presente estudo tem por finalidade analisar como crianças de 4 e 9 anos interpretam as experiências de sua vida cotidiana a partir da relação estabelecida com os contos de fadas e sua relação com o gênero, buscando diferenciar a opinião de meninos e meninas, a coleta de dados foi realizada por etapas.

Num primeiro momento, foi feito contato com a direção da escola, explicando sobre os objetivos da pesquisa e de que forma seria desenvolvida, ou seja, por meio de filmagens em algumas turmas de alunos. As pesquisas de campo foram realizadas com crianças do jardim III e do 4º ano do ensino fundamental, todas da mesma instituição. Após a autorização da diretora, foi realizado, inicialmente, um teste-piloto com 20 crianças de jardim III, entre meninos e meninas, em que foram contados dois contos de fadas e as crianças tinham que, individualmente, relatar a parte da história de que mais gostaram e o ponto de vista deles em relação às personagens.

Tal experiência foi relevante para redirecionar a forma como deveria ocorrer a coleta de dados. Foi percebido que o número de alunos era impróprio, porque eles se dispersavam e nem todos prestavam atenção ou participavam das discussões. Também se percebeu que, deixando que relatassem somente sobre o que mais gostaram, eles não apresentavam ideias que atendessem ao objetivo do presente estudo. Assim, a opção foi por diminuir o número de crianças, que não deveria ultrapassar a cota de dez participantes, tendo a mesma quantidade de meninas e de meninos.

Dessa forma, num segundo momento, chegou-se à proposta definitiva para a coleta de dados, realizada em dias separados. No primeiro dia, deu-se início a coleta na turma do jardim III (cinco meninas e cinco meninos, com média de 5 anos de idade); no segundo dia, a turma do 4º do Ensino Fundamental (cinco meninas e cinco meninos, com média de 9 anos de idade). Vale ressaltar que as 20 crianças que participaram da pesquisa foram selecionadas aleatoriamente pela coordenadora pedagógica da escola e as histórias escolhidas foram João e Maria e Chapeuzinho Vermelho, por tratarem de questões de gênero na sua subjetividade.

Num terceiro momento, foi apresentada a proposta e a história, iniciando-se a filmagem com a ajuda da professora da sala pesquisada, enquanto a pesquisadora narrava a história de João e Maria. Após a leitura, ocorreram as interações dialogadas com as crianças sobre o que sentiram e se se reconheciam na história. No segundo momento, contou-se a história de Chapeuzinho Vermelho, atividade em que foi utilizado o mesmo procedimento da história anterior. No dia seguinte, a pesquisa foi realizada com crianças do jardim III. Durante a coleta de dados foi utilizada uma ferramenta midiática para

registrar cada momento, a filmagem, a qual serviu como fonte de análise, descrição e levantamento de questões relevantes para realização do presente estudo.

## Resultados e discussão

Para a organização dos resultados, primeiramente, são apresentados os relatos das crianças do jardim III sobre os contos de fadas e, em seguida, o ponto de vista das crianças do 4º ano do ensino fundamental. As discussões baseiam-se em três aspectos relevantes: fator emocional, especialmente a questão do medo (que é muito presente na infância); o imaginário infantil; e relações de gênero. Tais assuntos são analisados a partir da relação estabelecida com a abordagem teórica.

### *Contos de Fadas: vozes das crianças de educação infantil*

Durante o processo de contação das histórias e discussão com as crianças de 5 anos de idade da turma de jardim III, apesar não ficarem muito quietas, por essa ser uma característica própria da idade, estavam o tempo todo olhando para o livro para acompanhar o desenrolar da narrativa. Nesse contexto, buscou-se questionar sobre assuntos diferenciados a partir de algumas problemáticas que apareciam nas histórias.

Baseando-se na história de João e Maria, foi perguntado para as crianças o que elas pensam sobre o fato de o pai ter deixados os filhos na floresta. Uma menina assim respondeu: “É muito triste! Lá tem bicho, e João e Maria não sabem voltar para casa!” Um menino levantou e disse: “Não gosto da bruxa, tenho medo. A bruxa que só faz maldades e nunca coisas boas”. Outro menino assim relatou: “No escuro ou no mato aparece bruxa. Eu já sonhei com ela voando. Levantei e fui dormir com meus pais. Chorei, com medo”. Outra menina também afirmou: “Eu tenho medo, porque a bruxa finge ser boa para enganar as crianças.”

Nessa expectativa, o medo é um sentimento que faz parte da vida da criança e, desde pequena, tem medo de ficar sozinha ou longe dos pais, e costuma chorar no início do período escolar, quando seus pais a deixam na escola e saem para trabalhar. Na infância ocorre muito esse sentimento. Muitas vezes, o adulto não percebe isso e, por não perceber esse medo, as crianças são tratadas como manhosas. Assim, através dos contos de fadas, as crianças conseguem expressar o seu sentimento, por estabelecerem relações com os problemas vividos pelos personagens.

O conto de fadas expressa em palavra e ações as coisas que se passam nas mentes infantis. Em termos da ansiedade infantil dominante, João e Maria acreditam que os pais estão tramando abandoná-los enquanto conversam. Uma criancinha, quando acorda faminta na escuridão da noite, sente-se ameaçada por uma rejeição e abandono completos, que ela experimenta sob a forma de medo de morrer de fome. (BETTELHEIM, 1992, p. 172).

Surgiram situações na história do Chapeuzinho Vermelho que evidenciam o medo, como o momento em que o lobo entra na casa da vovó e ela morre. Foi questionado: O que vocês acharam da morte da vovó e o fato de ela morar sozinha? No primeiro momento, todos silenciaram, como se estivessem refletindo sobre um problema tão sério ou que não gostariam de vivenciar. Em seguida, um menino disse: “A vovó não morreu!”. Já as demais levantaram e todas disseram: “Eu tenho vovó”. Uma das meninas falou: “A minha está doente, eu cuido dela, e se a família da Chapeuzinho morasse perto da vovó, o lobo não tinha ido lá”.

Diante desses comentários é possível perceber que a família é vista, por muitas crianças, como uma referência de proteção, de amparo e de bem-estar, especialmente para crianças e idosos. Tal explicação se justifica, porque, nessas duas fases da vida, as pessoas costumam ser mais frágeis e dependentes dos adultos, e, portanto, a figura da família é ideal para garantir a proteção e os cuidados necessários.

Quanto à problemática relativa à morte, as crianças se calam, inicialmente, e até pareciam não querer discutir esse assunto, apontando para o fato de a vovó não ter morrido ao final da história. Na realidade, a morte é um assunto que não é pensado nem cogitado entre as crianças. Elas nem chegaram a pensar sobre a ausência de suas avós, apenas disseram que, no final da história, “a vovó não morreu”, sendo esta uma forma de evitar ou de não encarar esse tipo de problema. Ao mesmo tempo, revela o aspecto criativo das crianças ao inventarem os próprios finais de história, tentando reinventar a realidade vivida até mesmo nos contos. Nesse sentido, os contos de fadas fazem diferença ao narrar situações envolventes, tristes e dolorosas de forma poética, não engessando nem mesmo a criatividade e a liberdade de fruição das crianças.

Em se tratando do imaginário da criança, os menores evidenciaram que têm mais facilidade de usar a imaginação por acreditarem em transformações de objetos em questões de segundo, não pensam muito para falar e mudam de opinião a seu favor. Em relação à casinha de doce encontrada na floresta e ao fato de a bruxa deixar comer sua casa, uma menina respondeu: “Não pode pegar doce no mato, se ir lá (e) encontrar a bruxa dona do doce, ela come as criancinhas”. Um menino interferiu: “Ela é malvada e assa a criança no fogo!”. As demais crianças repetiram as mesmas opiniões.

Essas respostas levaram a refletir que, através dos contos de fadas, as crianças assimilam bem o imaginário a seu favor, comparando os perigos existentes na realidade. Com o da história de João e Maria, elas acreditam que existem bruxas malvadas e perigos ao seu redor. Algumas características citadas pelas crianças reforçam o perfil maldoso das bruxas, como: ser brava; ter aparência humana e depois se transformando em bruxa; quando quer fazer maldades, prefere a noite; e não gosta de sentir-se contrariada. O imaginário se faz muito mais presente na infância pelo fato de as crianças não terem muitas experiências vividas nas mais diversas situações e áreas da vida, sentindo-se inseguras e desprotegidas.

Na vida real, algumas crianças sofrem com separações conjugais de seus pais, então muitas delas se identificam com situações narradas nas histórias infantis, em que, após ficarem sem a mãe, vão morar com madrastas, avós, etc. É importante ressaltar que os contos ilustram, de forma clara e objetiva, os aspectos moralizantes arraigados na cultura sobre o que é bom e o que é ruim. Isto auxilia as crianças em suas escolhas e até mesmo ensina a conviver com certos conflitos temporariamente.

A literatura de contos de fadas na infância tem como objetivo estimular o imaginário, interagido com elas de forma realística e fantasiosa, deixando-as livres para pensarem e descobrirem formas agradáveis ao seu ponto de vista e necessidades.

A riqueza deles está justamente em permitir ao leitor encontrar o seu próprio caminho a partir do momento em que os finais são sugeridos e a criança encontra a sua própria solução. Essa solução será compatível com o grau de amadurecimento emocional da criança. (MACHADO, 2013, p. 3).

Os contos utilizados nesta pesquisa abordam também questões de gênero, tanto na história de João e Maria quanto na de Chapeuzinho Vermelho. Na interação realizada sobre o que elas pensam, foi questionado: Por que vocês acreditam que a história relata que Maria chorou, e não o João, quando estavam perdidos na floresta? Duas meninas responderam: “Porque ela é menina e chora”. A outra disse: “O João sabia o caminho de volta e a Maria, não”. Um dos meninos disse: “Homem não chora. É macho”! Outro menino respondeu em seguida: “Homem é forte e não chora”! Outra menina falou: “Tomei vacina e chorei muito!” Em seguida, um menino levantou e disse, bem nervoso: “Eu tomei vacina e não chorei!”

Essas respostas indicam que se trata de conceitos ou, por que não dizer, de preconceitos, herdados e transmitidos na própria cultura em que as crianças estão inseridas, como a ideia de que “homem não chora”, que faz parte do senso comum, mas que, muitas vezes, é encarado como se fosse comportamento inato ou natural. Quando se reflete sobre relações de gênero, é importante atentar para o fato de que um bebê é estimulado a ter comportamentos específicos desde que nasce: caso seja do sexo masculino, é estimulado a se comportar como menino (agressivo, racional...); se for do sexo feminino, é estimulado a se comportar como menina (sensível, dócil...), sendo tais características completamente culturais, conforme sugere Scott (1998).

Outras questões levantadas: Por que a Maria é quem varre a casa e não o João? Uma menina respondeu: “Maria é menina. É ela que limpa a casa”. Já os meninos, três deles, afirmaram que: “Homem não limpa a casa”. Então foi questionado se acreditavam que estava certo esse tipo de postura e duas meninas afirmaram: “É errado, porque o papai limpa a minha casa”. Um dos meninos não abriu mão da resposta e afirmou: “Homem não limpa casa, eu não limpo!”.

Nas afirmações sobre ações do feminino e do masculino, percebe-se que a construção da identidade e do gênero é vivida pelas crianças da educação infantil através dos afazeres de casa. A esse respeito, acredita-se que o educador tem um papel relevante, contribuindo, especialmente através da reflexão, para esclarecer esses conceitos ou preconceitos predominantes na cultura e mostrando, por exemplo, que não há nenhum problema se um homem chorar ou limpar a casa. Portanto, cabe ao educador promover reflexões a partir do que é trabalhado em sala de aula, como os contos de fadas, para que as crianças pensem nas suas próprias opiniões a respeito de gênero ou de outros aspectos da vida humana. Entende-se, conforme as ideias de Finco e Viana (2009, p. 3):

Na educação infantil as crianças podem passar a maior parte do tempo em contato com outras crianças. É nessa relação singular que o protagonismo da criança ganha destaque e que a potencialidade do convívio, em suas diversas formas de relações, pode propiciar uma nova interação. Trata-se de um universo com características próprias, voltadas para crianças pequenas.

Vale ressaltar que, na educação infantil, as crianças passam por um período de construção de opiniões, comportamentos e de sua própria identidade. Tal construção não acontece sozinha, ela só é possível por meio da mediação e leitura que fazem do mundo, por meio das pessoas que se encontram em sua volta.

Em relação ao conto de Chapeuzinho Vermelho, não foi diferente. Questionou-se: O que acham de a Chapeuzinho sair pela floresta sozinha e a vovó também morar sozinha? Uma das meninas disse: “A Chapeuzinho é menina e não pode sair sozinha. Se a vovó morasse com a família, não tinha morrido. Ela é mulher e não aguenta lutar com o lobo!”. Já um dos meninos respondeu: “A sorte que um homem sendo caçador é forte e matou o lobo!”

Essa conversa indicou que as respostas das crianças é uma afirmação que tem como exemplo uma cultura familiar. Eles ouvem, dos que estão ao seu redor, que homem não chora e que quem chora é a mulher. Sendo assim, a mulher é considerada frágil, dependente da proteção e ação do homem, de forma que a vovó não aguenta lutar com o lobo, mas o caçador, sim!



Nesse caso, se as crianças não forem orientadas sobre essas diferenças de gênero logo na infância, elas poderão, na idade adulta, vir a reforçar, em suas personalidades, esses padrões sociais equivocados. No processo de formação das crianças, os contos são ótimos aliados para serem lidos e comparados com o mundo real, em que as crianças vão descobrir a verdade sobre seus sentimentos e saber que nem o homem é mais forte, tampouco a mulher é fraca, senão que cada um tem suas características específicas. Vale ressaltar que, de acordo com Bettelheim (1992, p. 9):

As figuras nos contos de fadas não são ambivalentes - não são boas e más ao mesmo tempo, como somos todos na realidade. Mas dado que a polarização domina a mente da criança, também domina os contos de fadas. Uma pessoa é ou boa ou má, sem meio termo. Um irmão é tolo, outro esperto. Uma irmã é virtuosa e trabalhadora, as outras são vistas como preguiçosas. Uma é linda, as outras são feias. Um dos pais é toda bondade, o outro é malvado. A justaposição de personagens opostos não tem o propósito de frisar o comportamento correto, como seria verdade para contos admonitórios.

O autor considera que os símbolos, nos contos de fadas, revelam atitudes que nós, humanos, praticamos em nosso cotidiano, destacando nossos pontos de vista e preferências em relação ao outro. E, com essas virtudes rotuladas, os contos são leituras muito importantes na infância e no período escolar, ainda que com o objetivo único de fazer escolha do que é bom ou ruim. Já as crianças maiores, por si só ou com auxílio do educador, fazem de cada conto um aliado na aprendizagem, pois elas já têm opiniões mais formadas.

### ***Contos de Fadas: vozes das crianças do 4º ano do ensino fundamental***

Em relação às crianças do 4º ano do ensino fundamental, foi possível notar que elas têm mais esclarecimentos e experiências sobre fatos relacionados aos contos de fadas. Sendo assim, foi possível perceber que ficam concentradas e atentas aos fatos da história, mesmo que algumas sejam mais tímidas ao serem questionadas sobre as narrativas. Por outro enfoque, o questionamento às crianças foi focado sobre o abandono de João e Maria na floresta: O que vocês acharam da atitude do pai e da madrasta de abandonar o João e a Maria, e vocês conhecem alguma família semelhante? Uma das crianças, um menino, respondeu: “Achei errada essa atitude dos pais de João e de Maria. A madrasta não cuidava bem, e não queria cuidar das crianças!”. Então, outro menino argumentou: “Os dois comem muito e a madrasta pediu para o esposo levar eles para floresta e largar lá, e assim a madrasta estaria comendo do bom e do melhor, e quer o marido só para ela. Eu moro com a madrasta e ela é boazinha. Sei que tem muitas crianças que são largadas em tubos de cano de esgoto ou em caixa de sapatos”.

Em linhas gerais, as crianças referem fatos a que elas têm acesso pelos meios de comunicação e também o que elas muitas vezes estão passando, algum tipo de conflito, por exemplo: aceitar uma madrasta ou padrasto. Muitas seguem caladas e sentem-se desprezadas, com medo. Suas atitudes são assim. Muitas vezes, é para proteger seus pais. As crianças maiores são mais racionais, mas também têm medo de abandono, medo de escuro, etc.

Para Bettelheim (1992, p. 11):

Hoje as crianças não crescem mais dentro da segurança de uma família numerosa, ou de uma comunidade bem integrada. Por conseguinte, mais ainda do que na época em que os contos de fadas foram inventados, é importante prover a criança moderna com imagens de heróis que partiram para o mundo sozinho e que, apesar de inicialmente ignorando as coisas últimas, encontram lugares seguros no mundo seguindo seus caminhos com uma profunda confiança interior.

A seguir, o assunto foi potencializado com a seguinte indagação: O que vocês acharam da família de João e de Maria? Um menino do grupo respondeu: “A madrasta era malvada e não queria cuidar deles!”. Uma das meninas salientou: “É muito triste saber que os pais querem abandonar seus filhos!”. Dois garotos disseram que triste é aquela criancinha que foi “abandonada no cano de esgoto”. Nesse momento ficaram refletindo sobre o bebê abandonado, um fato marcante para todos. Um dos meninos disse: “Eu moro com minha madrasta. Ela é boazinha, mas tem que ser obediente”.

Com os relatos das crianças, torna-se evidente que são capazes de refletir sobre os problemas humanos que ocorrem na sociedade (bebê abandonado) e situações da própria vida (ter madrasta). Em suas palavras, demonstram medo e angústia e, ao mesmo tempo, são conscientes do momento que estão vivendo, ou seja, os contos trazem momentos bons e ruins, e mencionam muito bem essa parte de vivência para criança, de saber escolher o que é melhor.

Outra indagação feita sobre Chapeuzinho Vermelho: O que mais chamou atenção de vocês sobre a história? Uma das meninas respondeu: “Ela foi desobediente, não ouviu os conselhos da mãe dela!”. E, continuando o assunto, dois meninos disseram: “A vovó não devia morar sozinha. Teria que protegê-la!”. O segundo menino salientou que: “Eu moro com minha vovó, ela é doente, tenho que dar os remédios”.

Pode-se verificar-se que as crianças maiores têm uma visão mais definida sobre tais assuntos. Suas experiências mostram que entendem os conflitos que estão passando ou, até mesmo, que conhecem, por informações dos meios de comunicação, que crianças estão sendo abandonadas por seus pais. Os contos envolvem as crianças para fazê-las pensar no que é possível fazer nos momentos de conflito na vida e enfrentar desafios. Na história de João e Maria, ao serem abandonadas, as duas crianças pensaram e escolheram o caminho a ser seguido. Isto quer dizer que usar o imaginário e acreditar que a saída será encontrada é só uma questão de tempo. Também quer dizer que imaginar faz parte de nossa vida, até mesmo os adultos imaginam mudar a vida:

A importância do trabalho criador (imaginativo) se verifica no desenvolvimento da criatividade infantil, na evolução e no amadurecimento da criança, pois no plano imaginário podem ser observados os desenvolvimentos cognitivos, pelo raciocínio estimulado, assim como a memória, além de uma amplitude nas noções de valores morais. (VYGOTSKY, 1996, p. 18).

Em se tratando de gênero nos contos, indagou-se: Por que a bruxa mandou a Maria limpar a casa e não o João? Alguns dos meninos responderam: “É a mulher que limpa a casa. O homem sai para trabalhar”. O outro menino não concordou e disse: “Eu limpo a casa e ajudo a lavar a louça”. Uma das meninas falou: “Mulher é que limpa a casa. Meu pai não ajuda, ele é bravo”. Próxima indagação: Por que Maria chorou ao estarem perdidos na floresta e não o João? Um dos meninos disse: “Homem não chora, ele é macho. Mulher é chorona”. As meninas não aceitaram e disseram: “Quando estamos muito tristes ou com dor, mulher chora e homem também”. Assim continuou a interação dialogada sobre o conto de Chapeuzinho Vermelho: Vocês acham certo o que a menina fez, de ir pelo caminho da floresta para a casa da vovó? Dois meninos foram logo falando que a Chapeuzinho é menina e devia obedecer; quanto à vovó, não devia morar sozinha. Ela é doente e fraca. Se não fosse o homem forte, lenhador, o lobo teria matado as duas.

Nas palavras das crianças, muitas vivenciam essa cultura de que quem deve limpar a casa é a mulher, homem não pode limpar! Essas informações, passadas de pai para filho, corroboram as proposições de Scott (1998, p. 4) sobre afirmar que gênero “[...] é uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres”. Por meio dos contos, refletiu-se muito nas respostas das crianças que mulheres são tratadas de forma subordinada aos homens e são consideradas frágeis. Quem é mais forte e inteligente é o homem, e quem chora é a mulher.

Repensar o papel dos gêneros na educação é uma condição necessária a todos os que se interessam por essas realidades, procurando analisar de que forma a escola e as outras instâncias institucionais poderão assumir uma “pedagogia do gênero” (OWEN, 1998, citado por CORTEZ, 2013, p. 4), no sentido da complementaridade e das especificidades de cada um, e também na aceitação das características masculinas e femininas de cada pessoa humana.

## Considerações finais

Considerando o objetivo deste estudo, de refletir sobre a influência dos contos de fadas no processo de compreensão de algumas situações vivenciadas pelas crianças em seu cotidiano quanto ao imaginário infantil e às relações de gênero, a partir do trabalho realizado, tornou-se possível melhor entender o pensamento das crianças, que é construído de acordo com o contexto social em que estão inseridas.

A leitura dos contos previamente selecionados e as entrevistas com as crianças ressignificou o entendimento da razão pela qual se identificam com o enredo das histórias e a sua trama. Em geral, os contos de fadas abordam temáticas relativas a questões existenciais do ser humano, inclusive abordando alguns conflitos humanos universais e que são sempre solucionados ao final da história. Dessa forma, as crianças pesquisadas externalizaram seu pensamento sobre questões conflituosas, como medo, relação com a madrasta, perdas, morte, entre outros.

Entende-se que as crianças costumam se identificar com essas narrativas porque elas também passam por experiências que não são agradáveis, e acreditam que, da mesma forma que nos contos, também irão superar as dificuldades vivenciadas. Mediante o simbolismo presente nessas narrativas, fatos ocultos são revelados de forma lúdica e percebe-se que, na realidade, os adultos nem sempre têm argumentos para falar sobre tais problemas da existência humana com as crianças.

Podem-se abordar diversas temáticas ao se estudar os contos de fadas. Neste trabalho, evidenciou-se uma análise comparativa das questões de gênero. Durante o processo, observou-se que, muitas vezes, as questões de gênero aparecem de forma tendenciosa, como se o masculino fosse o mais forte, inteligente e o feminino, frágil.

Na interação com os alunos durante o processo de pesquisa, concluiu-se que as crianças menores repetem o que ouvem ao seu redor, aceitam tudo o que se fala, obedecem com mais facilidade e suas opiniões são contraditórias sobre o tema. As crianças maiores têm dúvidas sobre atividades desenvolvidas pelo homem e pela mulher. Duvidam das coisas, mas não questionam o adulto por medo e por vergonha. Nessa mesma linha de preocupações, as duas turmas de crianças pesquisadas,

tanto as menores quanto as maiores, em relação a sentimentos e a valores, são parecidas e culturalmente seguem um modelo rígido e fechado sobre o assunto gênero.

Constata-se que o imaginário da criança é estimulado pelos contos de fadas, contribuindo com a formação da sua personalidade e identidade. Sabe-se que a educação é um dos caminhos que podem mediar mudanças na mentalidade das novas gerações quanto às questões de gênero, combatendo os preconceitos e restaurando relações de igualdade e respeito entre todos os seres humanos. Acredita-se que é necessário desmistificar e trazer à tona situações como essas abordadas neste estudo, para discuti-las desde a primeira infância, visando combater os preconceitos e a disseminação de valores culturais como se eles fossem naturais.

Discutir problemáticas, como as de gênero na educação, é uma condição necessária por todos os que buscam o sentido igualitário nas sociedades humanas, buscando condições necessárias para tornar a realidade condizente com a mentalidade aberta e contemporânea.

Para finalizar, é possível afirmar que os contos de fadas são relevantes não somente porque tratam de questões humanas das mais primitivas (como raiva, inveja e ambição), mas também porque apresentam princípios poéticos como ideal, apontando para um mundo melhor, onde o mais importante não são os bens materiais, mas as qualidades humanas, como o amor, a bondade e a justiça.

## Referências

- BETTELHEIM, B. *Psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.
- COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura / juvenil: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo*. 5. ed. Barueri: Monole, 2010.
- CORTEZ, M. G. A questão de gênero nas práticas educativas. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 4., 2000, Coimbra. *Anais eletrônicos...* Coimbra: Associação Portuguesa de Sociologia, 2000. Disponível em: <[https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462de66def43c\\_1.pdf](https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462de66def43c_1.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2013.
- FINCO, D.; VIANNA, C. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 33, p. 265-283, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.
- GONÇALVES, J. P. *O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério*. 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresa*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr. 1995.
- MACHADO, S. P. Sobre fantasia e os contos de fadas. *Revista SIER*, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 3, 2002. Disponível em: <[http://www.liberato.com.br/sites/default/files/arquivos/Revista\\_SIER/v.%203%2C%20n.%203%20%282002%294.%20SOBRE%20FANTASIA%20E%20OS%20CONTOS%20DE%20FADAS.pdf](http://www.liberato.com.br/sites/default/files/arquivos/Revista_SIER/v.%203%2C%20n.%203%20%282002%294.%20SOBRE%20FANTASIA%20E%20OS%20CONTOS%20DE%20FADAS.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2017.
- MATOS, M. I. S. Na trama do cotidiano. *Cadernos Ceru*, São Paulo, v. 5, Série 2, p. 13-27, 1994.
- MELLO, I. E. de. O imaginário no cotidiano escolar. In: SEMANA DE LETRAS, 3, 2010, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Itiane-Elena-de-Mello.pdf>>. Acesso em 14 ago. 2017.
- POSTIC, M. *O Imaginário na relação pedagógica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SALES, G. M. Literatura infantil e os contos de fadas na construção de valores e formação das crianças. *Pedagogia ao pé da letra*, 2012. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/literatura-infantil-e-os-contos-de-fadas-na-construcao-de-valores-e-formacao-das-criancas>>. Acessado em: 16 nov. 2017.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez. 1998.
- SILVA, T. T. da (Org). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: \_\_\_\_\_. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. c. 1, p. 7-72.

**Data de submissão:** 12/05/2018

**Data do aceite:** 15/09/2018